
EDITORIAL

O número de livros publicados no Brasil tem crescido notavelmente, sem, contudo, dar muito espaço a trabalhos científicos de fraca penetração comercial, mas de alto interesse social. É neste sentido que vejo as revistas acadêmicas como um magnífico meio de expressão da liberdade de pensamento, sem se falar na facilidade de introdução de novas idéias com rapidez e economia. Um livro, se bem sucedido editorialmente, teria de esperar muito mais tempo para correr o mundo...

A regularidade e abertura da Geousp vêm contribuindo não só para a troca de conhecimento entre os profissionais da área comum, como têm servido para despertar a importância do geógrafo para a reconstrução da sociedade, tão cheia de problemas de toda ordem que dizem respeito à dupla espaço-sociedade. Enquanto que jornais e livros soem ficar comprometidos com interesses particulares, uma revista deste modelo pretende ler o mundo através do lugar e assim, talvez, com consciência de engajamento com a realidade local, apontar para caminhos que libertam o homem da pecha terceiro-mundista.

Enquanto que as ciências exatas ou experimentais podem corresponder a uma busca universal – veja-se o caso das pesquisas pela cura da aids ou do câncer – nosso caráter humanístico, com um pé nas geociências, pretende responder pela emancipação das sociedades, sobretudo a nossa, carente de reflexões sólidas, atualizadas, discutidas, sacudidas.

Enquanto muitos geógrafos se contentam em considerar a geografia como a disciplina por

excelência de conhecimento da realidade socio-espacial, desejo complementar que o desejo de modificação das coisas não pode abrir mão de sua produção: *simplesmente, não pode existir planejamento lato sensu, sem a geografia*. Isto porque não se cura ninguém sem um apurado diagnóstico, não se pode mexer numa realidade sem boa margem de segurança. Quer se queira ou não, o trabalho do geógrafo tem sido extremamente usado e reconhecido. Seria longo demais enumerar quantos produtos nele tiveram origem. Todavia, ter sua produção captada por outros profissionais subtrai certa láurea que é do geógrafo, geógrafo que acaba perdendo status por falta de ousadia.

O reconhecimento de uma inclusão mais justa da profissão do geógrafo não se dará, é óbvio, pelo simples fato de possuir seu diploma ou escrever por escrever. Como planejador que sou (isto é, preocupado com o rumo das mudanças) sinto uma urgência gritante de mesclar o geógrafo cientista com o geógrafo cidadão, que usa o mesmo mundo que estuda. Em duas palavras, somaria a necessidade de esforço imaginativo (um exercício de mil e uma saídas !) aos pressupostos teóricos advindos da prática da geografia. Não que ele deva tornar-se, obrigatoriamente um planejador (ele que, apesar de tudo quer modificar o mundo). Penso antes que o *esforço imaginativo de como as coisas ocorreriam à par da análise, se prestaria, tão só por isto, para repensar a própria análise e a crítica*. Acho que Einstein tinha toda razão quando disse que a imaginação é mais importante que o conhecimento.